

## O NOME *MARIA*, SEUS ENVOLVIMENTOS E DESENVOLVIMENTOS

*Maria Lucia Mexias-Simon* (CiFEFiL-USS)

[maria.mexias@uss.br](mailto:maria.mexias@uss.br)

*Fátima Niemeyer da Rocha* (USS)

[fatimaniemeyer@uol.com.br](mailto:fatimaniemeyer@uol.com.br)

*Sonia Maria da Gama Malcher* (UFPA)

*Ana Carolina Martins Ishizaka* (USS)

*Cassiane Gonçalves dos Santos* (USS)

### 1. *Apresentação*

Tratamos, no presente trabalho essencialmente de:

- A sobrevivência do nome outrora muitíssimo usual “*Maria*”;
- A possível sobrevivência da motivação religiosa na escolha desse antropônimo;
- As junções insólitas das invocações a Nossa Senhora (no dizer católico) a outros prenomes que não “*Maria*”.
- As preferências por determinadas invocações a Nossa Senhora, em diversas regiões brasileiras.

### 2. *Pressupostos teóricos*

A respeito do tema abordado, o que, em linhas gerais, se observa é que certos antropônimos guardam um significado simbólico ou etimológico, porém nenhum deles expressa qualquer tipo de relação significativa que os distinga dos nomes comuns como uma classe. Numa análise linguística, o que se pode registrar é terem os nomes próprios função vocativa, quando se interpela o ouvinte, e função referencial, quando se alude a terceiras pessoas, presentes ou ausentes no cenário. Atendem, assim, às funções apelativa – uma vez que solicitam, ao menos, a atenção do ouvinte –, e referencial, descritiva. Acredita-se que, quando os homens começaram a descobrir maior rendimento no trabalho compartilhado, descobriram também a necessidade de estabelecer sons reconhecíveis como interpelações ou referências a seus companheiros de trabalho.

Para Cassirer, o nome seria uma evolução ou involução de nomes *a posteriori* atribuídos em homenagem, ou por motivação explícita por fatos religiosos, ou características físicas ou comportamentais. Com o afastamento de tais motivações, passou-se a ter maior liberdade, surgindo criações inéditas, ou modismos trazidos pela mídia, resultando em nomes quase únicos, fato cada vez mais generalizado em nossa região. A nossa pesquisa abordou, então, essa presença da diacronia na sincronia, no cruzamento da linguística com outros ramos do saber.

Os nomes fazem parte integrante do que se apresenta ao outro. Fazem parte, portanto, da *máscara*. Aderem a seus portadores, confundindo-se, assim, nomes e nomeados, fato nem sempre levado em conta no ato da escolha dos nomes, ao menos em nossa cultura. Procura-se uma suposta eufonia, uma homenagem nem sempre devida e da qual, às vezes, o nomeador se arrepende. Normalmente, carrega-se o nome pela vida inteira, restando o recurso a alcunhas, abreviaturas, na tentativa de suavizar um nome não muito agradável. Frequentemente, em vão buscamos encontrar justificativas para escolha de tal ou qual nome, pela grande quantidade de nomes criados pelos genitores, no desejo de originalidade.

Os nomes pessoais são, portanto, com muita frequência, considerados como sendo algo mais que casos de convivência social. A escolha do nome para o recém-nascido e o ritual do registro são levados na mais alta conta, em inúmeras sociedades, da antiguidade aos dias de hoje. “Se, antigamente, o nome era uma coisa viva, por estar pleno de significação, são hoje desprovidos de qualquer sentido, podendo, no entanto, tornarem-se instrumento de poder e de coerção. Adquirem vida própria dependendo da herança cultural, social e financeira de quem os têm e impõem-se como meio de força àqueles que, desavisadamente, estorvam a passagem dos indivíduos que nomeiam”. (OLIVEIRA & MEXIAS-SIMON, 1999).

O problema das relações entre nomes próprios e comuns não é o da relação entre significação e denominação. Significa-se sempre, seja ao outro, ou a si mesmo. Nunca se nomeia, antes, classifica-se o outro, se o nome que lhe é dado é função das características que possui; ou classifica-se a si próprio, quando, acreditando-se dispensado de seguir uma regra, nomeia-se o outro, livremente, ou seja, em função do gosto e da personalidade de quem nomeia. E, na maior parte das vezes, fazem-se as duas coisas ao mesmo tempo. Cada um revela, através de sua escolha, o caráter de suas preocupações e os limites de seu horizonte.

A escolha de prenomes vem se mostrando cada vez mais criativa e diversificada, em prejuízo de critérios religiosos, de homenagens e, até mesmo de eufonia. Esse fato demonstra crescente individualismo do brasileiro, e, ao mesmo tempo, uma ilusão de que, adotando-se um nome "americano" o nomeado será transportado, ao menos ideologicamente, ao "american way of life". Revela perda de autoestima nacional, enquanto os nomes tradicionais portugueses são tidos como nomes de "pobres". As combinações são insólitas, reunindo nomes totalmente criados a nomes religiosos, para que não se percam nem a proteção extraterrena, nem o direito à originalidade. Será demonstrado ocorrer esse fenômeno no Norte e no Sudeste do Brasil.

Além de vocativos e referenciais, são também, os nomes, índices de pertinência a uma coletividade mais ou menos ampla (família, clã, tribo), uma vez que as coletividades possuem regras para nomear, o que torna os nomes reconhecíveis como habituais num dado grupo, associando o portador do nome a esse mesmo grupo. Nesse ponto, nomear os seus membros é uma das formas de a comunidade manipular, controlar a natureza que a circunda, o que inclui manipular uns aos outros. É, o ato de nomear, algo que se cria e se transmite às gerações mais jovens, como mediação entre pessoas e coisas. Da mesma forma, se transmite a maneira de usar instrumentos da vida cotidiana, não sendo a manipulação das coisas muito diferente da manipulação das relações sociais. O emprego tido como *adequado* de uma ou outra forma de manipulação (cumprimentar, usar os talheres, comportar-se em determinadas ocasiões sociais) caracteriza o indivíduo como adulto, como amadurecido para, por sua vez, transmitir a outros as normas assimiladas de mover-se no ambiente, de mover o ambiente, inclusive gerando e nomeando novos membros.

Apresentam-se, aqui, duas teorias: uma afirma serem os nomes próprios vazios de significado, meros marcadores do discurso, próximos das interjeições. Outra sustenta possuírem, os antropônimos, um referente, sendo um signo linguístico completo, uma vez que *indicam* a pessoa de quem se fala, o *assunto*. Nesse ponto, tem-se a questão dos nomes mitológicos, literários, históricos, com sua carga metafórico-emocional, suas associações positivas e negativas, aproximando-os dos nomes comuns, já que formam até derivados (força hercúlea, fome pantagruélica, atitude maquiavélica, teoria marxista, colégio teresiano). Essas associações nem sempre estão claras para todos os falantes que as empregam; provêm, por vezes, de repetições mais ou menos mecânicas, o que nos leva de volta à questão do *significado* dos antropônimos.

Seja como for, o nome próprio é uma convenção extremamente importante. Em algumas culturas, confere mesmo poder e prestígio ao seu portador. Mesmo entre nós, esse fato pode ser registrado, em relação a certos sobrenomes, positiva ou negativamente famosos.

Na formulação dos nomes, os brasileiros são muito criativos, desafiando os dicionários onomásticos.

Este estudo, relacionado ao uso dos antropônimos, não está estritamente preso a discutíveis explicações da Etimologia, em que pese a importância dessa ciência, no conhecimento da relação da linguagem com seus usuários.

Temos, aqui, a consciência de que, como já se falou, o xenismo ser uma questão de mais cedo ou mais tarde, de maior ou menor grau de habitualidade, de maior ou menor adaptação fonológica e/ou gráfica à língua de adoção. Nosso objetivo prende-se a *motivos*, fundamentados ou não, para a adoção do nome “Maria”, com inspiração religiosa, ou não, assim como a adoção das diversas invocações a Maria, mãe de Jesus, com maior ou menor grau de conscientização, e as combinações dessas invocações com nomes *únicos*. Em suma, pesquisa-se, aqui a motivação na escolha de prenomes.

No âmbito das teorias psicológicas, a motivação é o fator que desperta, mantém e dirige o comportamento de uma pessoa para certo objetivo ou meta. (PENNA, 2001, p. 20) Os motivos estão ligados a situações específicas e, de acordo com Hebb (*apud* PENNA, 2001, p. 21), representa uma tendência inerente à pessoa como um todo para ativar o comportamento de modo seletivo e organizado, variando quanto ao tipo de comportamento resultante ou ao tipo de estimulação a que a pessoa responde, podendo despertar, inclusive, uma conduta de aproximação em relação a outras pessoas.

De certo modo, os motivos definem nosso contato com o meio em que vivemos, incluindo o prazer de conviver com o meio circundante. Enquanto para Nissen (*apud* PENNA, 2001, p. 21-22) a motivação envolve um abaixamento dos limiares de resposta da pessoa diante de certos estímulos, produzindo alterações substanciais nas suas reações em relação ao meio, para White (*apud* PENNA, 2001, p. 58) a função biológica do motivo de efetuação (que tem sua única origem no cérebro, não tem uma reação consumatória específica e não é recompensado pela redução de tensão ou estímulo) é alcançar competência no tratar com esse meio ambiente.

Na perspectiva de uma das mais difundidas teorias sobre motivação, Maslow (*apud* PENNA, 2001, p. 61) propôs que os motivos estão relacionados à satisfação das nossas necessidades, que ele hierarquizou em cinco níveis: necessidades básicas ou fisiológicas (de alimentação - fome e sede -, de sono e repouso, de abrigo - do frio e do calor -, o desejo sexual etc., que já nascem com o próprio indivíduo e estão relacionadas com a sobrevivência e com a preservação da espécie), necessidades de segurança (ou de estabilidade, inclui a busca de proteção contra a ameaça ou privação, a fuga ao perigo), necessidades de amor e relacionamento (ou sociais, inclui a necessidade de associação, de participação, de aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afeto e amor), necessidades de estima (relacionadas com a maneira pela qual a pessoa se vê e se avalia, inclui os desejos de respeito próprio e de reconhecimento por parte dos outros) e necessidades de realização pessoal (ou autorrealização), inclui os desejos de crescimento pessoal e da realização de todos os objetivos pessoais). Para ele as necessidades não satisfeitas são os motivadores principais do comportamento humano. No entanto, a ordem das necessidades não é, obrigatoriamente, a mesma para todos os indivíduos; tampouco ela se revela a mesma nas diferentes faixas de idade.

Por seu turno, Woodworth (*apud* PENNA, 2001, p. 58) aponta para a importância da necessidade de percepção, pois a nossa vida de relação é dominada pelo prazer de ver, de ouvir e de entender, ou seja, de conviver com o meio circundante. E Murray (*apud* PENNA, 2001, p. 64) organizou uma lista de 20 necessidades básicas: de humilhação, de realização, de afiliação, de agressão, de autonomia, de contrarreação, de defesa, de deferência, de dominação, de exibição, de autodefesa física, de autodefesa psíquica, de altruísmo, de ordem, de entretenimento, de rejeição, de sensibilidade, de sexo, de apoio e de compreensão. Cada necessidade é acompanhada de um sentimento ou emoção e tende a utilizar certos métodos para satisfazer sua inclinação.

Os motivos podem, por outro lado, estabelecer o nível de desempenho do indivíduo no futuro, como definido por Dembo e Hoppe (*apud* PENNA, 2001, p. 53) com o conceito de nível de aspiração, que determina o nível de desempenho futuro, em uma tarefa familiar, que um indivíduo julga poder atingir em face dos resultados já atingidos por ele em ocasiões anteriores.

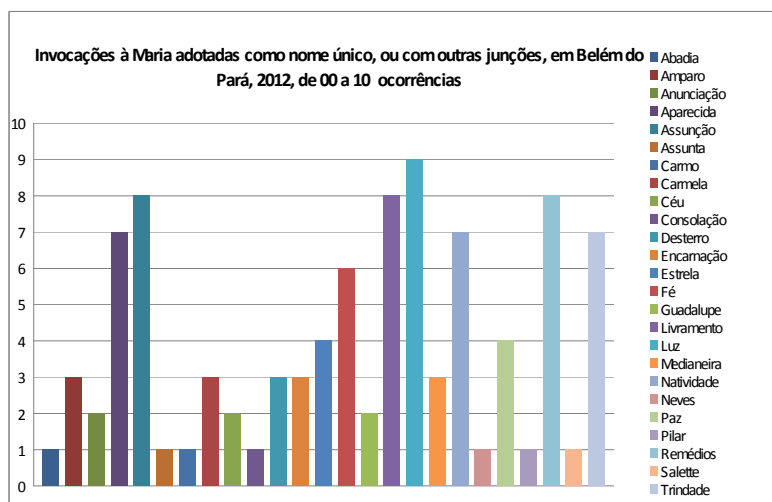
E McClelland (*apud* PENNA, 2001, p. 28) chama a atenção para os motivos de realização e de afiliação. Os motivos de realização apoiam atividades centralizadas na competição bem-sucedida, tendo em vista os

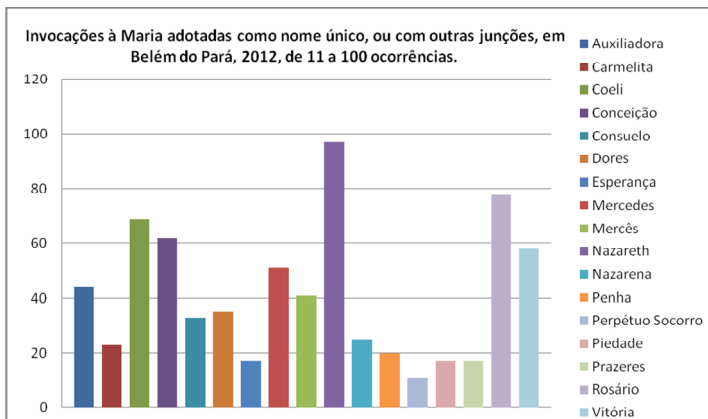
padrões de excelência aplicados aos desempenhos da pessoa, padrões esses que se estruturam tanto em função de modelos externos quanto, principalmente, em função de níveis de aspiração estabelecidos pela própria pessoa. E os motivos de afiliação sustentam atividades orientadas para a busca de contato físico, de comunicação interpessoal, de estabelecimento e preservação de relações positivas de afeto, bem como pelo desejo de ser querido e aceito dentro da comunidade.

### 3. Análise dos dados

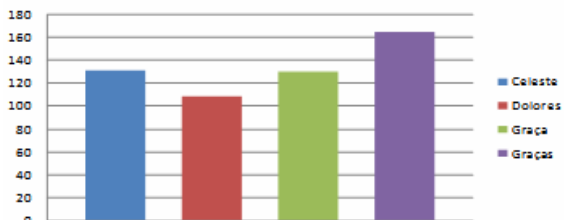
Com base em pesquisa realizada nas “Telelistas”, nas cidades de Belém do Pará e de Campos de Goitacazes, contabilizaram-se os nomes de invocações à Maria, mãe de Jesus, precedidos do seu próprio nome, ou em outras junções. Essas cidades foram escolhidas por se localizarem, uma, quase no extremo norte do Brasil; outra, em nossa Região Sudeste. As capitais da Região Sudeste são muito populosas, o que tornaria a pesquisa por demais extensa.

#### 3.1. Sobrevivência dos nomes das invocações de Maria e suas variações – Gráficos

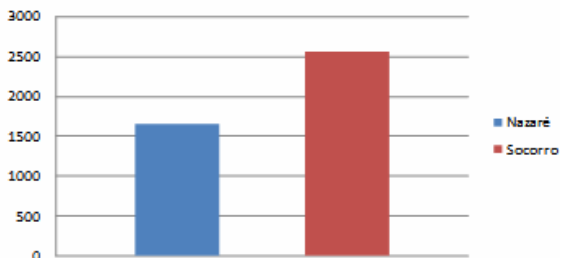




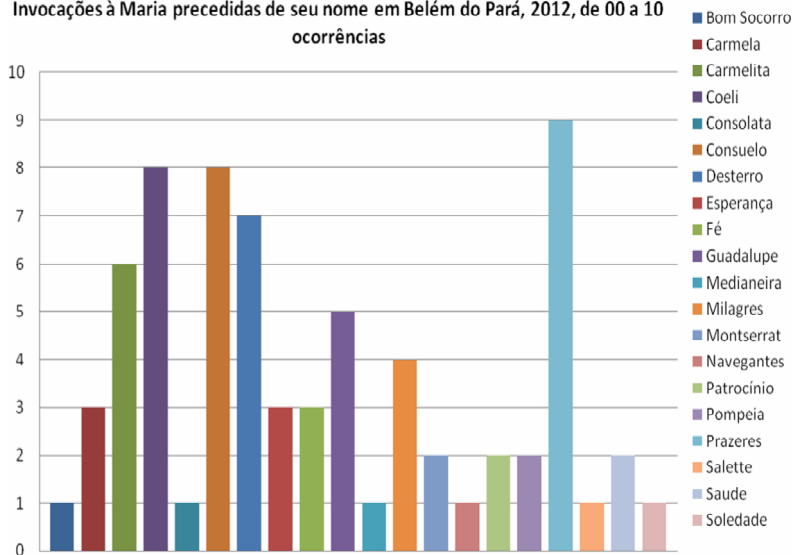
**Invocações à Maria adotadas como nome único, ou com outras junções, em Belém do Pará, 2012, de 101 a 200 ocorrências.**



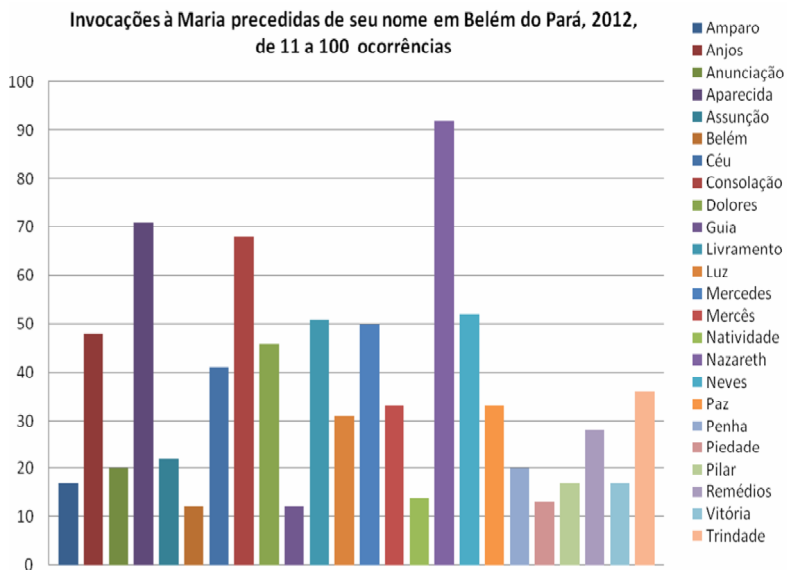
**Invocações à Maria adotadas como nome único, ou com outras junções, em Belém do Pará, 2012, de 1000 a 3000 ocorrências.**



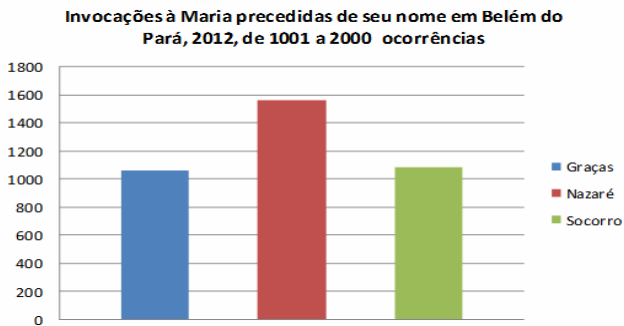
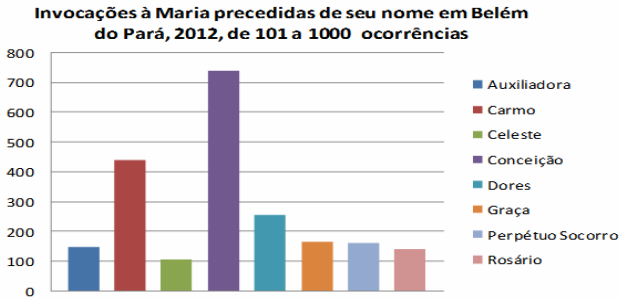
Invocações à Maria precedidas de seu nome em Belém do Pará, 2012, de 00 a 10 ocorrências



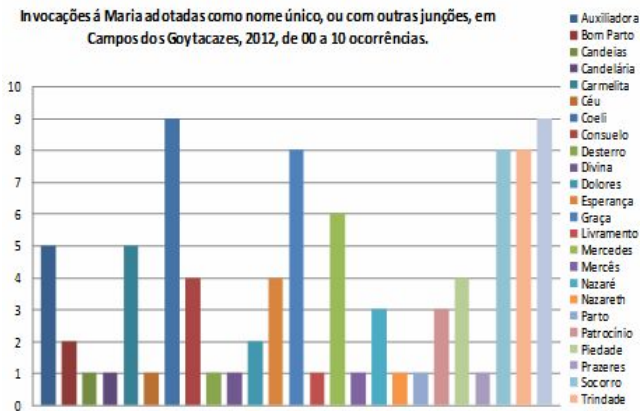
Invocações à Maria precedidas de seu nome em Belém do Pará, 2012, de 11 a 100 ocorrências



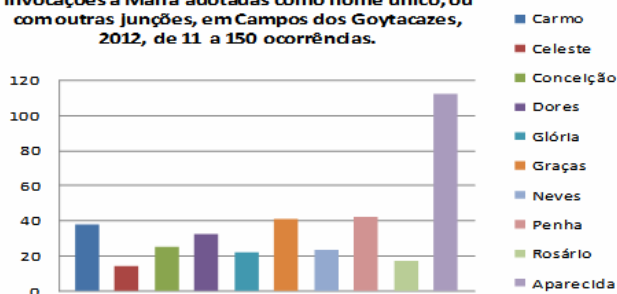




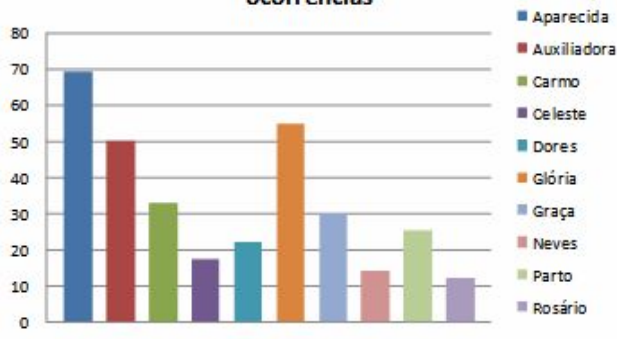
### 3.2. Sobrevivência dos nomes das invocações de Maria e suas variações - Campos dos Goytacazes- Gráficos



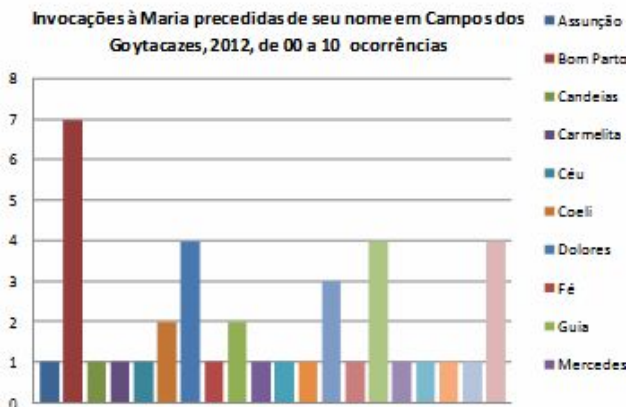
**Invocações à Maria adotadas como nome único, ou com outras junções, em Campos dos Goytacazes, 2012, de 11 a 150 ocorrências.**



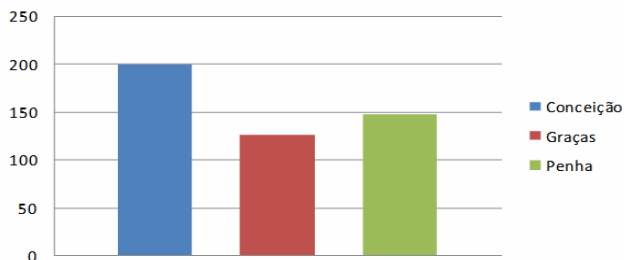
**Invocações à Maria precedidas de seu nome em Campos dos Goytacazes, 2012, de 11 a 100 ocorrências**



**Invocações à Maria precedidas de seu nome em Campos dos Goytacazes, 2012, de 00 a 10 ocorrências**



**Invocações à Maria precedidas de seu nome em  
Campos dos Goytacazes, 2012, de 101 a 200  
ocorrências**



Como se pode observar, há forte preferência por determinadas invocações. Esse fato se explica por devoções locais, com base em fatores históricos, como construção de igrejas, monumentos e casas religiosas, ou relatos de visões e de milagres, comprovados ou não. Pode-se concluir que os nomes de invocação à Maria ainda gozam de grande prestígio, embora nem sempre acompanhados do nome da mãe de Jesus, podendo ser anexos a nomes criativos, não se abrindo mão, nem da originalidade nem da proteção mariana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- COSERIU, E. El plural em los nomes propios. In: \_\_\_\_\_. *Teoria del lingua-ge y linguistica general*. Madrid: Gredos, 1973.
- OLIVEIRA, Aileda M.; MEXIAS-SIMON, M. L. *O nome do homem*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 1999.
- PENNA, Antonio Gomes. *Introdução à motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique general*. Génève: [s/e., s/d.].
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.